

SEM SOMBRA DE PECADO / 1983

um filme de José Fonseca e Costa

Realização: José Fonseca e Costa / **Adaptação:** José Fonseca e Costa, segundo o conto "E aos Costumes Disse Nada", do livro "Gaivotas em Terra", de David Mourão-Ferreira / **Director de Fotografia:** Eduardo Serra / **Operador:** Carlos Mena / **Música:** Sérgio Godinho / **Orquestrações:** Joni Galvão / **Fado:** "O Que Sobrou de um Queixume", de Frederico de Brito, cantado por Carlos do Carmo / **Cenografia:** Jasmim, Hernâni Lopes / **Guarda-Roupa:** Jasmim / **Montagem:** Pablo del Amo, José Alves Pereira / **Som:** Luís Castro, Heliodoro Pires, Carlos Pinto / **Mistura:** José Maria San-Mateo / **Interpretação:** Victoria Abril (Maria da Luz/Lucília), Mário Viegas (Aspirante Henrique Sousa Andrade), Isabel de Castro (Avó), João Perry (Tio Miguel), Armando Cortez (Tenente Sanches), Lia Gama (Adelina), Ana Maria Pereira (Mariana), António Cara d'Anjo (Manuel), Inês de Almeida (Rita), Henrique Viana (Tenente Rebordão), José Gomes (Capitão Lobo), Adelaide João (Mãe da Maria da Luz), Rogério Paulo (Galvão), Elisa de Guisette (Tia Ester), Saul Santos (Jovem oficial do início do filme), Luísa Roubaud (Emília), Maria Otília (Guilhermina), João Soromenho (Inspector), António Chainho (Guitarrista), José Maria Nóbrega (Guitarrista), Lena d'Água (Fátima), Luís Bordallo Silva (namorado de Fátima), Tozé Martinho (Alferes Antunes), Fernando Alves (Alferes Simões), Tony Morgon (Sargento), Ana Bola (Enfermeira), Teresa Mónica (criada Mónica), Mário Neves (primeiro cangalheiro), Juvenal Garcês (o assistente de prevenção no final do filme).

Produção: Jorge Marecos Duarte para a Filmform e Tobis Portuguesa / **Chefe de Produção:** José Torres, José Francisco, João Franco / **Cópia:** DCP, cor, 104 minutos / **Estreia:** Eden e Cinebloco (Lisboa), Lumière A (Porto), Gil Vicente e Tivoli (Coimbra), Rosa Damasceno (Santarém), a 11 de Fevereiro de 1983 / Apresentado no Festival de Cannes em 1983, (Quinzena dos Realizadores).

A sessão tem lugar na Esplanada 39 Degraus

Ainda conheci uma sala de oficiais como aquela, ainda enfiei a braçadeira vermelha da prevenção, ainda usei o galão de aspirante na farda cinzento-azulada, ainda participei em manobras com camiões da Segunda Guerra Mundial, ainda conheci tenentes lateiros como os deste filme. E, acima de tudo, nas noites mortas da prevenção, também recebi telefonemas das "cavalheiras" que procuravam seduzir jovens aspirantes universitários, colocados há pouco tempo em quartéis de Lisboa, saídos das Escolas Práticas das Armas, a mais famosa das quais era a EPI de Mafra, donde viera o aspirante Sousa Andrade, com as espingardas de latão dourado, cruzadas sob o número 1, no alto do bivaque...

Doze anos antes desta minha tropa, passara-se a história do aspirante Sousa Andrade, da sedutora Maria da Luz/Lucília, da fadista Adelina e do misterioso tenente Sanches que sofria da vesícula e usava botas como Salazar. E do monoculado capitão Lobo, que admirava os nazis e de vez em quando fazia ouvir a frase "Já lá dizia Lyautey". Era esse o mundo descrito

por David Mourão-Ferreira no seu conto "E aos Costumes Disse Nada", escrito certamente a pensar nos dias vividos como oficial miliciano no quartel que lhe coube em sorte. Daí o tom de veracidade do relato, de coisa real, semeada de pormenores saborosos que valorizam a evocação e estimulam o trabalho do adaptador.

Sempre que vejo este filme emocionou-me com as imagens de uma Lisboa civil e militar que quase conheci. Essa emoção resulta, naturalmente, da verdade ambiental conseguida por José Fonseca e Costa e pelos seus colaboradores. E poderia pensar-se, depois de corridos os primeiros metros, que o filme seguiria uma linha nostálgica, evocadora, servindo-se do fascínio da imagem reconstituída para emoldurar uma história confinada à comédia de costumes, a qualquer mistério de sabor romântico ou, se quisermos ser mais precisos, uma história destinada a "ilustrar", sem outros prolongamentos, o texto original de David Mourão-Ferreira.

Mas não. Fonseca e Costa pretendeu dar um tom simbólico, mesmo metafórico, ao seu relato, fazendo do Portugal assim reconstituído - e da sua componente mais reveladora, a tropa - a moldura visual de um quadro cujo sentido profundo transcende a evidência das formas. O símbolo mais abrangente é aqui o Pai - o misterioso pai escondido que segue todos os gestos da filha e vigia a sua liberdade, o pai que está presente, mesmo que não saibamos, em todos os actos e em todos os momentos, o pai que usa botas pretas como o "pai" desse tempo, Salazar.

A imagem global do filme é a de um país sob vigilância, embora a acentuação constante desse estado de coisas retire ao fio condutor do enredo, à "normalidade" das personagens e das situações e à própria ambiguidade, à própria complexidade dos efeitos do real. E essa história acaba por sofrer a irrisão de uma ironia sarcástica e feroz, destruidora de todos os valores, numa espécie de ronda macabra de humor negro onde as paixões se soltam e a mesquinhez, o egoísmo e a baixeza moral tomam o lugar da consciência. Nada se salva, apenas Henrique pode ganhar uma certa maturidade, enquanto Maria da Luz continuará, livre do pai, a seduzir os jovens aspirantes de Infantaria 1, como sugerem os últimos planos do filme.

Para este seu filme, José Fonseca e Costa reuniu uma excelente equipa técnica, desde Eduardo Serra, aqui no seu primeiro relevantíssimo trabalho em Portugal, ao cenógrafo Jasmim e ao experiente Pablo del Amo, montador que regressou ao cinema português depois de ter aqui trabalhado no início dos anos 60. E foi buscar um belo fado de Frederico de Brito para tema musical do filme e sugestão do título. **Sem Sombra de Pecado** retoma assim a tradição de valorizar emocionalmente o enredo através de músicas inspiradas e de boa aceitação popular.

Não foi ainda este filme que, no mais moderno cinema português, deu a Isabel de Castro o papel desenvolvido que merecia desde **Domingo à Tarde**. Mas ela faz com a elegância, a discrição e a naturalidade de uma grande senhora o papel escasso que lhe foi reservado. Vemos nela, claramente, a mulher de um diplomata, a avó que conhece o mundo, que tem a palavra justa no momento justo.

Neste filme actuam também Inês de Medeiros - Inês d'Almeida, como então se chamava - e Lena d'Água, rostos novos entre os mais velhos, de Mário Viegas, Lia Gama e Victoria Abril, excelentemente dobrada por Manuela Maria. E também Rogério Paulo sacrificou o tempo à qualidade, num brevíssimo papel que é dos melhores da sua carreira.

Luís de Pina